

**TEATRO
DE
JOSÉ RÉGIO**

III

**EL-REI
SEBASTIÃO**

poema espectacular em três actos

ATLÂNTIDA

EL-REI SEBASTIÃO

poema espectacular em três actos

POR

JOSÉ RÉGIO



ATLÂNTIDA ≈ COIMBRA

MCMXLIX

PERSONAGENS

EL-REI SEBASTIÃO
SIMÃO GOMES, o Sapateiro Santo
RAINHA DONA CATARINA
PRIMEIRO CONSELHEIRO
SEGUNDO CONSELHEIRO
TERCEIRO CONSELHEIRO
CRISTÓVÃO DE TÁVORA
LUÍS DE ALCÁÇOVA
JORGE DE ALENCASTRE
LUÍS DA SILVA
DUARTE DA SILVA
FERNANDO DE MASCARENHAS
PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA
SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA
PERNA CURTA, truão
POTE DE GORDURA, truão
PRIMEIRA VOZ
SEGUNDA VOZ

Outros fidalgos e outras vozes

A acção decorre em Lisboa, no século XVI

PRIMEIRO ACTO

A cena representa uma antecâmara nos paços onde habita El-Rei Sebastião. É noite; e só a luz fosca do luar entra por uma janela de balcão aberta ao fundo. Esta janela está escancarada para o céu. Não se vê a lua. No rectângulo da luz esbranquiçada, fria, que entra pela janela e dá na alcatifa do chão, dois vultos se recortam em silhueta: Estão um de cada lado da janela, quase voltando costas ao público, em atitude de quem ficou transido a ouvir. Toda a restante cena abafada em penumbra.

PRIMEIRA VOZ

entra pela janela, grave e poderosa, distinta em toda a sala. Sendo preciso, será artificialmente avolumada a voz humana que a fizer.

Reino de Portugal!, que estão fazendo de ti os que hoje têm nas mãos o teu governo? Foi para tal que te quiseram livre, te conquistaram lança a lança, te arrebataram aos infieis e povoaram de cristãos, te cultivaram passo a passo os que ora descansam nos seus túmulos?

Mas que descanso poderão ter, os cuja alma não poderá descansar se te vêem perdido? Os ossos das suas mãos fazem estalar os seus leitos de pedra! Já no pó se esmigalham as tampas dos seus sepulcros... E contra o rei que te não governa, pois te desgoverna, se alevantam essas mãos de cinza armadas do velho montante! Contra um rei que se apregoa bom cristão, e descursa todos os seus deveres de cristão e rei, se ergue o montante erguido outrora contra os inimigos do reino, contra os ofensores da Cristandade!

SEGUNDA VOZ,

*mais agitada, mais violenta,
mais familiar, devendo distinguir-se perfeitamente da primeira:*

Rei Sebastião, que ideia tens do teu officio de reinar?! O teu povo geme na miséria! Os teus favoritos são os que te cercam de lisonjas! os que dobram o joelho a todos os teus caprichos. Nas suas mãos falsas resignas o teu poder. E corres tu ao jogo das canas e às montarias, às cavalgadas e aos simulacros de guerras! Desses brincos saís vencedor, que por adulação te deixam sempre vencer. E em paga os deixas tu beber o suor dos

PRIMEIRO ACTO

pobres, esgotar o sangue dos fracos, oprimir os já oprimidos, vexar os velhos com a sua e a tua insolência!

PRIMEIRA VOZ

Reino de Portugal!, como te defende quem devera ser o teu melhor defensor? O trono não tem um herdeiro; nem o teu rei tem pressa em to dar, indiferente ao que não seja ambição da sua própria pessoa. Por vaidade pessoal joga com a morte! Por inclinação de moço vai correr aventuras onde lhe não chegue aos ouvidos o teu clamor. E o leão de Castela teu velho inimigo, sempre cobiçoso da tua liberdade, espreita o momento em que venha a rolar-te nas garras...

SEGUNDA VOZ

Rei Sebastião, não vês que o teu povo se ri de ti ou te odeia? se ri de ti por desespero, te odeia por amor frustrado? Rei Desejado, como respondes ao fervor com que te desejaram inda não nascido? Dás um rei por ti, — tu que te julgas tão senhor de vontade e poder! Estás cego, rei Sebastião! Pois que vês, tu que te escondes sob a capa de falsos ministros de Cristo teus ministros? tu que foges a vista

do teu povo?! E o teu povo roja sob leis que só ressalvam os grandes! Os teus conselheiros leais caem no teu desfavor por bem te aconselharem! Os negócios do teu reino são entregues aos que te adulam em benefício das suas prepotências! Falsos amigos tens que te arrastam à perdição! Falsos ministros de Cristo que só querem mercês para suas Casas! Falsos governantes que só em proveito próprio governam! Falsos..., falsos portugueses que só arruinam a sua pátria...

Silêncio de alguns momentos. Ouve-se, fora, um tropear de cavalos que se afastam. Um dos dois vultos precipita-se então a fechar a janela. Depois corre, dum e doutro lado, uma cortina que une ao meio, e forma quase todo o fundo. O outro vulto sai pela esquerda. Volta de aí a instantes com um archote, e acende dois tocheiros que estão aos cantos da sala. Toda a cena se ilumina então de uma luz amarela. Vê-se na parede lateral direita uma porta, e outra na parede lateral esquerda. A par de cada porta, quase à boca de cena, um cadeirão de coiro e pregar. Nenhum outro mobiliário. Vê-se também que os dois vultos são dois Moços de Câmara, ambos muito novos. O primeiro é quase uma criança; o outro, um pouco mais velho. Vêm um para o outro.

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Viste-los?... chegaste a vê-los?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Tem-me de espreitar. Diz' que disparam arcabuzes contra quem assoma ao balcão.

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Não acredito nisso. Mas o mais velho traz um montante erguido!... Não o ouviste falar no montante?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Vem em cima dum belo cavalo branco. Mete medo e respeito... É um grande velho! As suas barbas chegam ao pescoço do cavalo e misturam-se com as crinas.

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Os seus olhos parecem fachos na escuridão.

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Tem as mãos como as dum gigante!

EL-REI SEBASTIÃO

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Mas então sempre o viste?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Já te disse que não. E tu..., viste-lo?

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Pois é! a gente só ouve dizer que é assim.
(ligeira pausa) Mas também me parece que há-de ser assim! Se tivéssemos estendido a cabeça... só um nigualhinho... teríamos visto. Ele deve chegar cá'cima!

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Não é bom desafiá-los. Talvez não queiram que os espreitem.

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Mas que os ouçam querem, pois querem?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Isso, querem. Falam sempre assim em altas vozes, no silêncio da noite, é para serem ouvidos.

PRIMEIRO ACTO

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Já os tens ouvido muitas vezes?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Com esta, é a terceira.

PRIMEIRO MOÇO DE CÂMARA

Eu, foi hoje a primeira. Estava morto por isso. Mas afinal fiquei a tremer, mano, e até a sentir-me estarrecer, que nem sei como não dei comigo no chão! Olha..., tu acreditas nos mortos?

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Se acredito nos mortos?!

PRIMEIRO MOÇO DA CÂMARA

Quero dizer: se acreditas que os mortos tornem a este mundo.

SEGUNDO MOÇO DE CÂMARA

Toda a gente sabe que os mortos podem tornar a este mundo, quando Deus quer! ou até por ordem de Deus.